

O programa copiado que dá certo

Lisandra Paraguassú
Enviada especial

Teresina - Os alunos da rede municipal de Teresina têm um aproveitamento razoável na escola. A aprovação está entre 78 e 80% das crianças matriculadas. Há um grupo, no entanto, em que os índices são bem melhores: 95% de aprovação. São os alunos do programa Bolsa-Escola, mantido pela prefeitura desde 1997 e que, até agora, é encarado pelo administração local como uma de suas melhores iniciativas.

Copiado do programa implantado no Distrito Federal, mas com adaptações, o Bolsa-Escola piauiense tem o mesmo princípio: não necessariamente levar mais crianças para a escola, mas fazer com que as famílias vejam a importância do estudo, não deixem os meninos abandonarem as aulas e os alunos tenham melhores condições para estudar. "Nós não estamos querendo comprar a presença do aluno, mas dizer para as famílias: 'Olha, estudar é tão importante que a prefeitura vai ajudar vocês, para que seus filhos possam se dedicar ao estudo'", explica o prefeito Firmino Soares Filho, tucano que não tem nenhum problema em afirmar que copiou o programa do petista Cristovam Buarque.

O que foi feito no Piauí, no entanto, tem diferenças do programa brasileiro. A principal delas é que a família recebe os R\$ 100 por um ano, não enquanto tiver filhos entre 7 e 14 anos na escola, como no DF. De acordo com o prefeito, são duas as razões: uma delas é que há muito mais gente para atender do que recursos, então é necessário um rodízio. Depois, a prefeitura não quer que as famílias se tornem dependentes do dinheiro. Por isso, durante o período em que são atendidas pelo Bolsa-Escola, um adulto da família faz um curso profissionalizante, também pago pelo governo, e pode receber ajuda para começar um negócio próprio - financiamento pelo Banco do Povo - ou para arrumar um emprego.

Não há uma pesquisa para se saber se a estratégia está dando certo — um estudo que a prefeitura pretende encomendar —, mas quem está próximo das famílias garante que o padrão de vida tem melhorado para quem passou pelo programa. "Ninguém quer baixar o padrão. Temos informações de que, em muitos casos, a família dobrou a renda depois de sair do projeto", garante o secretário de Educação, José Reis Pereira.

Quem recebe a bolsa-escola este ano sabe que a ajuda tem data para acabar, e tenta arrumar a vida enquanto pode, para não faltar dinheiro depois. É como faz Maria das Dores Nascimento, com três filhos, dos seis que possui, estudando na Escola Municipal José Omatti. Há quatro meses Maria das Dores recebe o contracheque, que depois é trocado por dinheiro na Caixa Econômica Federal.

Das Dores já tem planos para quando o dinheiro não chegar mais. "Botei meu nome na lista para fazer o curso de salgadinhos. Depois, vou fazer em casa, botar para vender nos armazéns e na rua também", conta. "Minha esperança é, depois desse curso, aumentar a renda lá em casa." O marido de Maria das Dores está desempregado. Ela ganha cerca de R\$ 60 por mês, vendendo produtos de beleza na vizinhança.

Até agora, a prefeitura não fez nenhum estudo para avaliar formalmente os resultados do Bol-

sa-Escola, a não ser o índice de aprovação dos alunos, mais fácil de se medir. "A primeira pesquisa com as famílias será feita no final deste ano, porque agora já temos um bom número de pessoas para ter um panorama melhor", explica a professora Fátima Brito, coordenadora do programa. São 1 mil 300 famílias atendidas, cerca de 3 mil alunos.

DIFERENÇAS VISÍVEIS

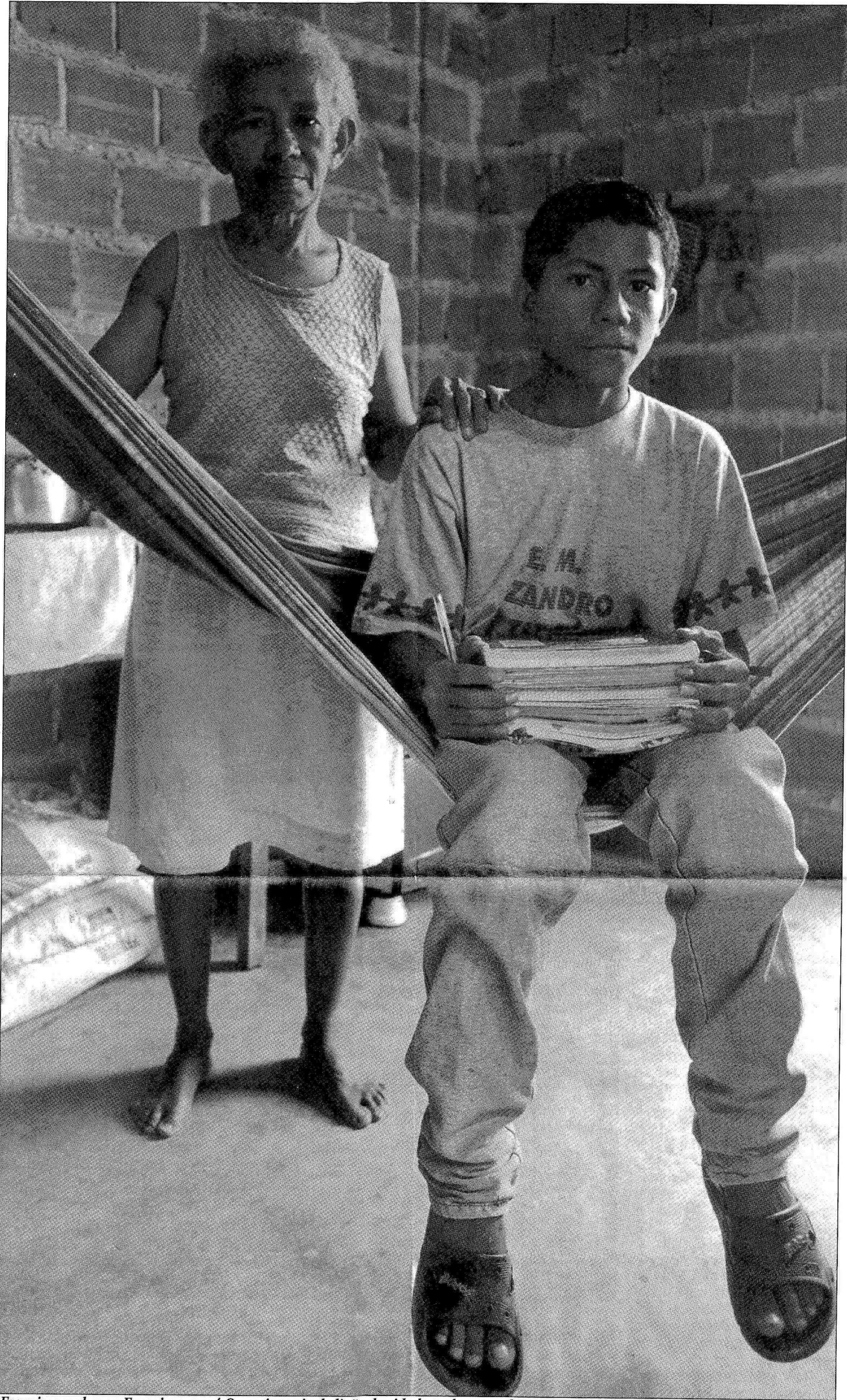
Um levantamento informal feito nas escolas mostra que a prioridade das mães, na hora de gastar o dinheiro, é com alimentação e o material para as crianças, além de pagar contas, como as de água e luz. "Nas reuniões, nós explicamos sempre que o dinheiro é para ser usado com

alimentação e com a criança, e não para comprar televisão ou outros eletrodomésticos que não sejam tão necessários", es-

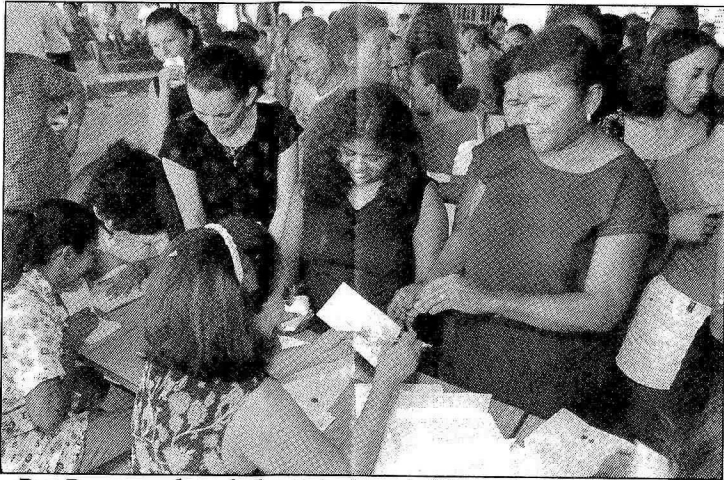
clarece Maria de Lurdes Leite, vice-diretora da Escola José Omatti.

As diferenças na escola são

Fotos: Carlos Moura



Francisco, o aluno, e Francisca, a avó. O menino saiu do lixão da cidade, onde catava latas e buscava comida, para a escola em dois turnos



Das Dores recebe a bolsa. Três dos seis filhos vão à mesma escola

"SÓ O FATO DE ESTAREM TODOS OS DIAS NA AULA FAZ COM QUE APRENDAM MAIS"

Maria Goretti Batista
professora

sina, observa o mesmo. Seus alunos bolsistas, garante, não são melhores ou piores do que os outros. No ano passado, a maioria deles foi aprovada. "Só o fato de estarem todos os dias na aula faz com que aprendam mais", diz. O resultado é que, enquanto em 1997, antes do programa, mais de 40% das crianças da escola foram reprovadas — dados da secretaria do colégio —, em 1998 a aprovação chegou a 90%.

TRABALHO INFANTIL

A Lysandro Tito é uma das duas escolas da cidade que receberam atenção especial da prefeitura. Os 315 alunos bolsistas - mais de um terço dos estudantes - recebem a ajuda por tempo indeterminado. É que, diferentemente das demais escolas, nessa a bolsa funciona como um programa para erradicar o trabalho infantil. Os meninos, além de ir para a escola, trabalhavam no lixão da cidade, a algumas quadras dali. Muitas vezes, quando os caminhões chegavam, eles abandonavam as aulas para ir catar lixo. "Nosso programa, no geral, é um incentivo à escola. Mas, no caso daquela vila, não podemos cortar o benefício, porque as crianças vão voltar ao lixão", explica o prefeito Firmino Soares.

O prefeito sabe o que diz. Um projeto semelhante, com crianças que trabalhavam em olarias, não funcionou 100% justamente porque, após algum tempo, a bolsa acabou. As crianças voltaram a trabalhar.

Entre os alunos da Lysandro Tito, hoje não há mais ninguém frequentando o lixão. Os pais foram avisados que perdem a bolsa se os meninos voltarem a trabalhar. E o que ganhavam no aterro sanitário não compensa a perda da bolsa. "Se eu catasse latinha de segunda a sábado, e todos os dias fossem bons, dava para tirar uns R\$ 14", conta Gutemberg de Souza Silva, 14 anos, 5ª série, mais velho de quatro irmãos, o único que trabalhava. "Tinha que ajudar *mãinha* (a mãe). O salário do meu pai não dava para todo mundo", justifica.

Há vários meninos e meninas com histórias parecidas, na Lysandro Tito. Sem nenhuma vergonha, eles contam que iam em bandos para o aterro, trabalhavam juntos, fugiam da polícia - que proíbe a entrada de menores.

Quem passou pelo lixão garante que não sente a menor vontade de voltar. "Se Deus quiser, nunca mais volto lá", diz Francisco de Assis Alves Carvalho, 14 anos, 5ª série. Francisco mora com a avó, Francisca, 61 anos — que tenta ganhar a vida vendendo salgadinhos e tira uns R\$ 40 —, um tio desempregado e um primo de 7 anos. Foi parar no lixão por absoluta necessidade. "Precisava ajudar em casa, e às vezes achava alguns alimentos, que davam para a gente aqui", conta. Normalmente, sobras vencidas, ou quase, dos lixos dos supermercados. A avó não gostava, mas não tinha como proibir. "Morria de medo de doença, da polícia, mas a gente precisava. Eu mesma já fui lá catar", admite.

Hoje, Francisco estuda pela manhã e, à tarde, vai para aulas de reforço no projeto Do Lixo à Cidadania, também mantido pela prefeitura, para ocupar os meninos nos dois turnos. Ele garante que vai passar de ano — só está meio enrolado com as aulas de história —, sonha em ser professor de matemática e nunca mais passar perto de um lixão.

visíveis, garantem os professores. Nada mais de crianças chegando sem, pelo menos, um lápis para escrever, com roupas rasgadas ou desmaiando de fome. "O que a gente nota muito, também, é que eles estão mais limpinhos, mais organizados", garante Anatércia Campos de Souza, professora de matemática.

A evasão na José Omatti também diminuiu. Os professores da 5ª série - onde, normalmente, há um enorme abandono das aulas - contam que praticamente não perderam alunos este ano, quando, nos anos anteriores, em novembro 30% da turma já havia ido embora.

O que os professores não conseguem notar é uma grande diferença entre os alunos bolsistas e o resto da turma. "Quem é bom aluno continua sendo. Quem não era não melhorou muito, com a diferença de que tem menos faltas", explica Vera Lúcia de Lima, professora de português. "Mas é a mesma coisa que os outros: alguns melhores, outros piores."

Maria Goretti Batista, professora de quatro séries na Escola Municipal Lysandro Tito, num dos bairros mais pobres de Tere-